

MARCAS ATÁVICAS

Livro 61

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



OS AURIGNACIANOS

Os aurignacianos viveram há 43 mil anos no Levante, região que compreende Síria, Líbano, Jordânia, Chipre e Palestina, e por milênios imprimiram suas sofisticadas características culturais. Sua cultura produziu ferramentas de ossos, artefatos, joias, instrumentos musicais e pinturas rupestres. Novas teorias reforçam a ideia de que os Neandertais assimilaram as populações de imigrantes humanos. Este grupo identificado chegou à Palestina era composto de neandertais e Homo Sapiens. Testes de laboratório usando micro tomografia de raios X e análises em 3D em quatro dentes apresentaram resultados surpreendentes: dois dentes mostraram uma morfologia típica de homo sapiens; um dente apresentou traços neandertais e o último uma surpreendente combinação de características de neandertal e Homo Sapiens. Essa combinação de características humanas modernas e neandertais, até o momento, foi encontrada apenas em populações europeias do início do período paleolítico, sugerindo sua origem comum.

OS NATUFIANOS

A cultura natufa é o nome dado aos sedentários caçadores-coletores epi-paleolíticos tardios que vivem na região de Levante, no leste próximo, entre 12.500 e 10.200 anos atrás. Os natufianos procuravam alimentos como trigo, cevada e amêndoas, e caçavam gazelas, veados, gado, cavalos e javalis.

Os descendentes diretos dos natufianos (conhecidos como o neolítico pré-cerâmico ou PPN) estavam entre os primeiros agricultores do planeta.



COMUNIDADES NATUFIANAS

Por pelo menos parte do ano, o povo natufiano viveu em comunidades, algumas bem grandes, de casas semi-subterrâneas. Essas estruturas semicirculares de um cômodo foram escavadas parcialmente no solo e construídas em pedra, madeira e talvez telhados com escovas. As maiores comunidades natufianas

(chamadas de ‘campos de base’) encontradas até o momento incluem Jericho, Ain Mallaha e Wadi Hammeh 27. Campos menores de forrageamento na estação seca de curto alcance podem ter sido parte do padrão de assentamento, embora a evidência para eles seja escassa.



ARTEFATOS DE NATUFIAN

Os artefatos encontrados nos locais de Natufian incluem pedras de moagem, usadas para processar sementes, carnes secas e peixes para refeições planejadas e para processar ocre para práticas rituais prováveis. Ferramentas de pederneira e osso e ornamentos de conchas de dentium também fazem parte do material cultural natufiano. Mais de 1.000 conchas marinhas perfuradas foram recuperadas de locais epipaleolíticos no Mediterrâneo e na região do Mar Vermelho.

FERRAMENTAS ESPECÍFICAS

Ferramentas específicas, como as foices de pedra, criadas para a colheita de várias culturas, também são uma marca registrada das assembléias natufienses. Ameaças grandes (lixões orgânicos) são conhecidas nos locais de Natufian, localizados onde foram criados (em vez de reciclados e colocados em fossas secundárias). Lidar com o lixo é uma das características definidoras dos descendentes dos natatuianos, o Neolítico Pré-Cerâmico.



FABRICAÇÃO DE GRÃOS E CERVEJA NO NATUFIAN

Algumas evidências bastante raras sugerem que o povo natufiano possa ter cultivado cevada e trigo. A linha entre horticultura (cultivo de plantas selvagens) e agricultura (plantio de novas áreas específicas) é nebulosa e difícil de discernir no registro arqueológico. A maioria dos estudiosos acredita que a mudança para

a agricultura não foi uma decisão única, mas uma série de experimentos que podem muito bem ter ocorrido durante os regimes de subsistência natatuianos ou de outros caçadores-coletores.

Pesquisadores Hayden et al. (2013) compilaram evidências circunstanciais de que os natatuianos fabricavam cerveja e a usavam no contexto de um banquete. Eles argumentam que a produção de bebidas a partir de cevada fermentada, trigo e / ou centeio pode muito bem ter sido um impulso para o início da agricultura, por garantir que uma fonte pronta de cevada estivesse disponível.



MARCAS ATÁVICAS

Estarão elas, as marcas atávicas, escondidas no enredo? Alguma desavisada má formação congênita? Algum vício inadvertido desviando os meus sentidos? Algum mal súbito que me enfarta de lágrimas e saudades? Uma mágica demonstração que embaralha o tempo brincando de existência?

ESTRANHA DIMENSÃO

Distração ou realidade ficcional encobridora? Heróis ou maus exemplos? Geniais ou falsificações. Notícias ou indução ideológica, Meu tempo, meu espaço ou renuncia ao principal, adesão ao supérfluo?



ERROS

Sair do nada exige tudo, menos um tempo curto. O exílio causa dano à perseverança.



EU PALESTINO

Tenho confiscada a minha paciência, finjo ter licença para plantar, transgrido as cercas, ignoro os arames, derrubo os muros. Guardo a chave da casa.

EU SÍRIO

Faço baixar a maré, cancelo meus dias, as saudades dos detalhes, nos tempos pendentes recrio Palmira, reinvento Aleppo, abraço Damasco, embarco, ressuscito inocentes, salvo refugiados. Insisto com meus sonhos cansados que esqueçam as despedidas porque a morte não existe; é apenas um efeito colateral.



DAS COMIDAS

Como o pão sofrido de cada dia, entre tanto, me aumenta a fome que não dorme e se acelera quando a recordo, abraçado ao pão, ao feijão e ao arroz sagrados, caminho, abandono o perigo de morrer de fome, deposito a cruz e me vou ao dia seguinte. Guardo-me de parecer frágil.

AS MÃOS ATADAS

A saudade que não é mais essa de agora, as mãos atadas não abraçam, soam a despedida, negando-se os acenos, se esquecem da importância de saber-se convencido a negar, não olham para trás, se aquecem com cobertores, acostumados a estar só esperando para colher os dividendos, comprar amores, lavar-se depois, acabando com as vergonhas. Agradam-se com tão pouco ao que se acostumam sem saber que a vida clama surpresas para evitar os ruídos que provocam a morte do sonho e do ânimo.



A PARTIR DE HOJE

Estarão a partir de hoje revogadas a totalidade das etapas habituais exigidas pelo amor. Busque-se nas cercanias servidores para acalmar as urgências, descartes manterão a distância, a solidão deixará de ser contrária à lógica, a conservação dará lugar ao desprezo

e os amantes terão encontros únicos, anônimos, para moderar seus desejos de continuidade. A convivência será combatida e o prazer virá do desligamento. Banidos os sentimentos poderosos, a afeição será um defeito e o abandono um dever a ser cumprido todos os dias, negando à abundância e à fonte ao alimento e ao reconhecimento.

Dispensam-se até segunda ordem ajudas eficazes.



CATO SONHOS

Cato sonhos, poemas, histórias que possam ampliar o meu conceito de riqueza por outros índices que considerem o capital natural, humano e social.

A MESMA CERTEZA

Às vezes passeio pelo passado, penso naquela fé ingênua, naquele durável sonho secreto, naquele sincero afeto, naquela inesquecível idade, propostas que se foram não aceitam evocação, cada um por seu caminho, uns tontos, outros sós, já não posso ver com a necessária nitidez, com a mesma certeza de que eu antes tinha certeza.



PASSEIO DAS ALMAS

Um conjunto de ressurreições acordará um exército de temores ancestrais, passearão as almas, voltando para fazer justiça, desmentir as falsas juras, confirmar os hábitos. Serão todos os dias agitadas sextas-feiras, meias-noites tensas, mares profundos, dosando as rezas serão limitadas as confissões, os perdões, farão correr os egoísmos, desafiarão as misteriosas leis da natureza e implantarão a vocação para abandonar o ciúme, a inveja e tudo aquilo que tenha de fazer para tirar dos vivos a propriedade das mentiras, derrubando as barreiras que sustentam as hipocrisias.

VERDADE MENOS OCULTA

Fazendo-se a verdade menos oculta, ninguém será leiloado. Vale enternecer-se, publicar os princípios, padecer infâmias, saber reagir, repetir o que agrada, distribuir a abundância, promover o perdão. Vale a tentação, a desculpa, a arte, a gula e o apetite, assustar pelo susto, confirmar o medo, opinar o contrário, começar uma briga, mediar a paz, ir até o fim, cessar as causas, pedir e aceitar ajuda. Vale chorar, sofrer o golpe, contradizer dogmas, tocar o espanto, murmurar sem morder, calcular o risco, arriscar, avançar, retroceder, ser inocente, desejar intensamente, vale gozar amando, gozar não amando, gozar sonhando, gozar imaginando. Vale acostumar-se ao agradável para que a vontade valide o exagero.



OS IMPOSTORES

Os impostores louvados, togados, drogados, votados, devotados fazem e se desfazem da justiça de acordo com o que lhes convenha - agridem a chaga com uma ferida maior.

HABITO UM RIO

Habito um rio, fundamento minha escolha de amante das pedras roliças, rivais de água e a areia. Ali se revelam intimidades construídas, a novidade da água corrente em transformação continua apropriando-se do próprio lugar. O rio não percebe graças ao seu desdobramento, sustenta sem regência os filtros mágicos que dão o cristalino das águas.



UM PEDAÇO DA ALMA

A que origem remonta essa intolerância aos que se deixam usar e aos que se oferecem, satisfeitos, a serem usados? Que euforia será essa que fraudas fundamentos, faz cair em logro os valores, deixando-se penetrar sem o cuidado que deveria?

Assisto com um pedaço da alma o que por inteiro não toleraria.

Aos que creditaram ter a porta da fortuna, a pena do uso amparou-se na indiferença. Toda a rede sente perder um pedaço de si que, ao submergir na correnteza, vira cisma.

HÁ OUTRAS MANEIRAS

As precariedades da cortesia nos avisam que há outras maneiras de morrer de amores, de viver sem-sentido, que o espanto cativa e afasta, que antes de começar não devemos sitiá nossa prudência, ficando expostos às zonas assediadas. Abastecer a própria consciência recupera a lucidez opaca pela fome de ser amado. Cada olhar leva impregnada a imagem de quem despertou este estado, digamos assim, de enamoramento, que obriga a permanecer que se apodera da calma e obriga ao impulso. A vida nova nos diz que está por aqui, curiosa para saber o que faremos com ela, desencadeia movimentos, revigora fantasmas. Assim voltamos a encontrar partes esquecidas onde se expressam o casual e a essência.

SOBRE UM SOMBRIO FUTURO

Por conta desse cotidiano, não haverá mais aposentadorias tranquilas, nem a imersão nos silêncios, serão automatizadas as ordens, nem os mais lúcidos aceitarão o isolamento sem queixas. Os privilégios da existência sairão mais caros e a escassez abundará. Poderemos dissecar a paciência. Até os encontros mais fúteis terão limites estabelecidos ficando vedada a improvisação e a euforia desmedida. Não serão mais necessárias memórias disponíveis, as lembranças caminharão sós, sem regência e sem contexto. Haverá certezas despossuídas, doçuras singulares, imprevisíveis, aceitadas, a perturbação diversificada entrará minorando importâncias, instalando dispersão de energia e a dissolução nos encontros.

Os afetos caminharão dispersos e confusos, serão diminuídas as fronteiras entre a alegria e o penar, a agonia ensaiará desistências dando sentido à morte, tirando a vontade da vida.

ERROS

Sair do nada exige tudo, menos um tempo curto. O exílio causa dano à perseverança.



A ESPERANÇA DERRADEIRA

Cubro o espanto o mais que posso até esvaziar-me de toda a dor que o acompanha. Ensaio um descaso para tornar a vida amena, original, sem as decadências que algumas perdas são capazes de me provocar. Complico os arranjos, rompo a harmonia do conjunto, suporte calado, até chegar a envernizar o feio, envelhecer a memória, expor ao público uma desusada paixão que invento para ficar menos deserto.

De tanto assistir às injustiças, não mais me envolvi com a vida. Me refugiei numa sala sem pompa e sem flores. Diviso as entrelinhas que enxertam algum princípio que nada mais vale. Todos os espaços ocupados pelo virtual demitem as virtudes, arruinando encontros,

odores, paladares, essas percepções que obrigam as presenças.

Distribuo os assuntos segundo a importância. Frequentemente, divagar tem a vantagem de dar o mesmo destino a tudo, nivelando o espírito e as carências. Já não exigo cultos nem respeito. Foi-me indeferido o pedido de alforria, portanto, não posso expressar mais minha opinião nem encontro palavras para exprimir o que eu gostaria. Que sentido tem minha queixa? Doem-me quando me tocam as feridas. Perdi-me das guias, esqueci-me de guardar-lhes a referência, não tenho a hora e o essencial.

Só me restam as esperanças que me levarão de volta àquele valor mediterrâneo, àquelas aldeias libanesas onde nasceram meus pais. Elas guardam meu sonho maior de voltar ali e beber a água das montanhas de Asrun.

MOLDE

Acusado feito criança, chego à vida no tempo imposto, remetido pelo relógio que avança cumprindo.

Quando começo alguma história, não espero epílogos. Espero alguma crença que arranque de dentro de mim esse céu esquecido, desperte os anjos, ressuscite alguma fé que não se atualize em vão. A vida se me apresenta ambígua. Evito os meus defeitos, me entrego quase inteiro, desconfio de quem me acolhe, penso que é quase virtual minha esperança. Imagino-me um inventor de sonhos exagerados. Alardeio que ando com o peito fechado, ferido, escondendo as cores e os afetos virgens que em mim carrego. Guardo algum pedaço que ainda ficou por viver. Esqueço meu querer, quase choro por uma saudade que sei ter, murcho o riso, fecho a saída conforme o lugar. Não me moldo à ocasião, antes, vocifero ante a injustiça inventada, defendida, produzida há mais anos do que me entendo por gente. A poesia em mim cruza meus limites invadindo horas, lugares, os falsos amigos, os que me toleram e não comparecem à hora de me ofertar amizade. Tenho um amor que se manifesta conforme a hora, que desobedece ao relógio, o previsto, a razão, e que inventou uma ordem onde a desordem refez os encontros.

SURPRESAS

Desde que eu decidi falar de dentro de mim, esqueci os botões e resolvi falar com alguém. E como estivesse desacostumado, dividi-me entre vontade e medo. Ao mesmo tempo em que iluminava o íntimo, resguardei-me do explícito, cobrindo--o com uma aura de mistério. Desobriguei-me de reverenciar aqueles que não aprecio. Mantenho a pretensão de uma longa duração, me prolongo desafiando minhas limitações; evito, assim, a amargura e a dor, que considero como meus limites. Convertendo algumas convicções, engrandeci meu sentimento solidário. Movido pela meiguice, perdi a vergonha de amar, deixei-me arrastar por redes, por correntes, tornei-me independente para ser livre. Embarquei na deliberação. Deliberei introduzir a mediação, a união, a harmonia. Deliberei abandonar o supérfluo, os superficiais. Deliberei parar de criticar aqueles que não sustentam possibilidades de melhoras. Abasteço uma fantasia que deverá incluir os efeitos que adornam o impossível e o improvável. Evito ensaiar o que não saberei representar. Evito surpresas.



Roberto Curi Hallal

